



## TRAJES DE TOURADA DE CHRISTIAN LACROIX: ENTRE A MEMÓRIA, O RITO E A MODA

*Christian Lacroix's Trajes de Luces: between memory, rite and fashion*

Gil, Maria Celina; Mestra; Universidade de São Paulo,  
mariacelina.gil04@gmail.com; silva@brasil.br<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a relação de Christian Lacroix com a artesanaria e as touradas a partir dos trajes de toureiro criados por ele. Nos trajes criados para Chamaco (1992) e Javier Conde (2010), a artesanaria teve papel fundamental: um foi bordado a mão pela *Maison Lesage*, e o outro foi pintado artesanalmente na *Sastrería Santos*. Já o traje de Juan Bautista (2017) guarda estreita relação com a memória e as origens de Lacroix.

**Palavras chave:** Christian Lacroix; artesanaria; touradas.

### Abstract:

This paper delves into the relation of Christian Lacroix between crafts and bullfighting, as from bullfighting costumes created by him. For Chamaco's (1992) and Javier Conde's (2010) costumes, the craft making had a fundamental role: one was hand-embroidered by *Maison Lesage*, and the other was hand-painted in the *Sastrería Santos*. Juan Bautista's (2017) costume keeps close relation to Lacroix memories and origins.

**Keywords:** Christian Lacroix; crafts; bullfighting.

### Introdução

Este artigo investiga as criações de Christian Lacroix para os toureiros Chamaco (1992), Javier Conde (2010) e Juan Bautista (2017). O *traje de luce*, ou traje de tourada, é uma peça incrível que sofre de uma condição que lhe é indissociável: a tourada é um crime. Ainda que não haja lei que a chame como tal – a prática é protegida como

---

<sup>1</sup> Maria Celina Gil é formada em Cinema pela FAAP e Letras pela FFLCH-USP. Mestra e doutoranda em História do Teatro pela ECA-USP. Sua pesquisa de mestrado investigou os potenciais narrativos do bordado no traje de cena. Ministra cursos envolvendo bordado e artesanaria em diversas instituições culturais e de ensino. É figurinista do Coletivo Inominável de Teatro.



patrimônio histórico e cultural – nos últimos anos têm surgido estratégias para pouco a pouco extinguir as touradas como as conhecemos.

O folgado não ocorre unicamente na Espanha; e é justamente por isso que seu caminho se cruzou com o de Christian Lacroix. Em Arles, região no sul da França de onde provém Lacroix, há tradicionalmente dois tipos de touradas: uma mais próxima da espanhola; e uma típica da Provença, mais próxima da dança do que da luta.

Nos dois trajes criados por Lacroix, a artesanaria teve papel fundamental: o traje de Chamaco foi bordado a mão pela *Maison Lesage*, tradicional ateliê de bordados para alta costura; e o traje de Javier Conde foi pintado de maneira artesanal na tradicional *Sastrería Santos*, casa especializada em trajes de touradas. O traje de

Neste artigo, haverá duas linhas de análise: como a feitura dos trajes de tourada está intrinsecamente ligada ao trabalho artesanal; e como o trabalho de Christian Lacroix se liga às touradas, pensando tanto a influência que trajes de tourada tiveram em seu trabalho na moda, quanto a opção de criar um traje para o folgado em si, levando em conta a importância da artesanaria para as criações do estilista.

A partir do trabalho de Fausto Viana e Carolina Bassi (2014), será pensada inicialmente a definição do que seria afinal o traje de tourada: um traje de cena ou um traje de folgado. Então, tomando por base os depoimentos do próprio Christian Lacroix (2009) para compreender melhor sua relação com os folguedos de sua região de nascimento, investiga-se, o papel da artesanaria do traje como potente de significados e narrativas, que costuram a memória, o rito e a moda.

### **O que é uma tourada?**

Sim, claro. Uma tourada é uma prática criminosa. Não parece aceitável que no mundo, ainda hoje, exista um festejo cujo objetivo é matar um animal para fins de entretenimento. Mas o que é uma tourada afinal? Como caracterizar um evento que mistura o festejo e o espetáculo? Antes de analisar os trajes criados por Lacroix, é preciso que se pergunte: os trajes de torada são trajes de cena?



A tauromaquia – todo o universo que envolve a luta com touros – assim como a conhecemos atualmente deve ter se consolidado por volta do século XVIII<sup>2</sup>. Muitos pesquisadores buscaram encontrar uma explicação para as origens das touradas. Segundo Shubert (1999, p. 6), foram aventadas diversas possibilidades ao longo do tempo: a “tese Árabe”, por volta do século XVIII, que defendia que as touradas eram um costume advindo da ocupação moura na Península Ibérica; a “tese Romana”, por volta do século XVI, que dizia que as touradas eram uma espécie de continuidade dos jogos romanos, popularmente associados aos gladiadores; e, durante o século XX, a ideia de que as touradas seriam herança pré-histórica das caçadas aos mamutes. Houve ainda quem dissesse que as touradas se ligavam aos festejos gregos de Creta, ligados à lenda do Minotauro.

Shubert (1999), porém, se filia à corrente que entende a origem das touradas como ligadas a eventos populares rituais agrários:

Quaisquer que sejam suas origens remotas, por volta da Idade Média, a luta contra touros era uma atividade estabelecida tanto pela elite quanto pela cultura popular. A versão da elite, semelhante a uma justa, é muito mais conhecida: nobres a cavalo enfrentavam touros utilizando lanças compridas (...). Mas os eventos com touros nunca foram monopólio da elite. Por tanto tempo quanto a nobreza utilizou touros como parte das celebrações de casamento, espanhóis comuns já haviam incorporado os touros em diversos de seus rituais. Muitos relacionados ao casamento, com a ideia de que a suposta potência sexual do touro poderia ser transferida aos recém-casados (...). A tourada moderna é uma versão deformada, secularizada e lúdica do ritual popular nupcial do touro. Com o tempo, ela passou pelas mãos da nobreza, que adicionou a morte, transformando a tourada de “rito em luta”. Quando a corrida se tornou entretenimento popular, ela perdeu sua carga ritual: nascida de uma crença na “magia sexual do touro”, ela – como uma tragédia grega – transitou de rito religioso para jogo. (SHUBERT, 1999, p. 7 – 9, tradução nossa, grifo nosso)

Parece evidente, portanto, que o evento que as touradas representam hoje foi se afastando dos seus aspectos rituais e se aproximando do entretenimento. A partir disso, surge o questionamento de como deveríamos nos referir ao traje de touradas: traje de cena ou traje de folguedo. Segundo definição de Viana e Bassi (2014),

---

<sup>2</sup> Todas as informações acerca da história das touradas presentes nessa seção do artigo estão presentes no livro *Death and Money in the Afternoon: A History of the Spanish Bullfight* (1999), de Adrian Shubert.



O traje de cena é definido como a indumentária das artes cênicas. O termo, mais amplo que traje teatral, pode abranger trajes de teatro, dança, circo, mímica, performance (no sentido mais contemporâneo do termo), shows, espetáculos... O traje de folguedos é a indumentária usada nas festas, nos divertimentos, nas brincadeiras de caráter popular. Entram aqui os trajes folclóricos ou das festas populares cristãs, afro-brasileiras e ibéricas. (VIANA e BASSI, 2014, p. 11)

A base da dúvida sobre como deveríamos nos referir ao traje de tourada parte da própria crise da ideia do que é uma *cena*. A percepção de que seria possível atribuir certa performatividade ou teatralidade às touradas torna mais complexa a definição. Se partimos da definição de Ferrál (2015) de que a condição da teatralidade é “a identificação (quando é produzida pelo outro) ou a criação (quando o sujeito a projeta sobre as coisas) de um *outro espaço*, espaço diferente do cotidiano, criado pelo olhar do espectador que se mantém fora dele” (p.86), então é inegável que as touradas são imbuídas de teatralidade.

No entanto, o “processo de representação” (FERRÁL, 2015, 97) ligado à encenação teatral não se faz presente ali. A consciência do ator e do performer de participar do jogo teatral e produzir gestos fora da vida corrente – talvez um elemento primordial para a pergunta do que é cena – não aparecem necessariamente em toda e qualquer expressão ligada à teatralidade.

As touradas, ainda que tenham origem ritual e, portanto, advenham de folguedos e expressões populares, se aproximam atualmente do esporte mais do que do teatro. Aquilo que compreendemos hoje como uma tourada se liga à uma tradição de espetáculos de luta que vimos ao longo do tempo, performados por gladiadores e cavaleiros. Talvez, o traje de tourada não seja nem um traje de cena, nem um traje de folguedo, mas um traje de batalha.

### **O traje de tourada**

Se o encontro entre o touro e o toureiro guarda traços de batalha, seu traje também possui semelhanças com os trajes de guerra. Uma de suas funções primordiais é a proteção. Ele deve ser pensado de modo a proteger o corpo do toureiro dos embates com o touro.



Segundo o catálogo da exposição *Arte de luces – Influencias artísticas en los vestidos de torear*, a imagem que temos do toureiro atualmente data do início do século XIX, quando há uma mudança na percepção do lutador: ele passa a ser visto de maneira heroica, alinhado com ideais românticos de herói nacional e popular.

Além disso, ainda segundo o catálogo da exposição, o traje de tourada guarda aspecto ritual.

Vestir-se com o traje de tourada é essencialmente um ato ritual. Significa revestir-se, imbuir-se de um halo, uma essência, uma identidade que transcende a pessoa existente. É o meio pelo qual o homem se transforma em toureiro. (...) A escolha do traje tampouco é um ato banal; de fato, é cuidado desde sua feitura escolhendo um alfaiate a concretamente, com cores e bordados determinados; também influenciam na decisão de usar um traje ou outro as sensações que tenha o toureiro ao portá-lo, a ocasião de que trata, os triunfos ou os percalços que possa ter tido tendo o vestido. (CATÁLOGO *Arte de luces*, 2010, s/p.)

O potencial caráter mágico do bordado nos trajes militares é uma referência comum em outros momentos da história. Em relatos de batalhas, por vezes aparecem referências a bordados como forma de proteção nas armaduras dos soldados:

Soldados gregos usavam túnicas bordadas como uma forma de armadura. A crônica da Batalha de Maratona (490 A.C.) fala de soldados persas vestindo armaduras de retalhos costurados. (...) Havia também os Casacos Talismã, que eram bordados com fórmulas mágicas. (DHAMIJA, 2004, l. 82, tradução nossa)

Um exemplo da simbologia precisa envolvendo o traje de tourada é descrito por Maigne (2010), ao falar das cores utilizadas nos bordados dos trajes:

Entre os últimos alfaiates de touradas de Madri (cinco oficinas preservaram a tradição, incluindo a famosa casa de *Fermin*), entre os deslumbrantes padrões bordados ou guarnições traçoeiras, somente as amostras de tecido já são paletas excepcionais. Por exemplo, a variedade de verdes: garrafa, esmeralda, amêndoa, celadon, tília, jade, bronze, absinto, pistache, azeite, veronese ... ou pérola, espuma do mar, carmesim, sangue de boi (é claro) ardósia, chumbo, mercúrio e o solene 'obispo y azabache', bispo violeta e puro negro, que o artista Morante de la Puebla adora. Mas o amarelo nunca. Superstição teimosa: no mundo da tourada, não brincamos com essas coisas. Essas cores de roupas, são marcos e às vezes permanecem somente nas memórias.



Os trajes são feitos por alfaiates especializados, tradicionais. As chamadas *Sastrerías*, casas onde se criam e produzem os trajes de tourada, chegam a levar um mês para criar um traje, normalmente bordado à mão e pesando até cinco quilos<sup>3</sup>. Esses bordados podem acabar ficando sujos de sangue.

O traje de tourada é como uma armadura para o toureiro. Nele se bordam e aplicam símbolos capazes de proteger o toureiro em seu embate com o touro. Uma guerra injusta. O homem que luta contra um animal de 600kg, que não escolheu entrar nessa batalha. Se o traje conseguir seu intuito de proteger o toureiro, o animal acabará morto. Se isso ocorrer, ele sairá – ainda hoje – aclamado como herói. E como todo herói, o toureiro não está nunca certo.

### **Christian Lacroix e as touradas**

Christian Lacroix (1951) nasceu em Arles, na região da Provence, na França, coincidentemente ou não, sob o signo astrológico de Touro. A região se localiza no sul da França, próxima da fronteira com a Espanha. Possivelmente por conta dessa localização geográfica, Arles divide com a Espanha seu folguedo mais conhecido: Arles se tornou popular por suas touradas.

Diferente da tourada espanhola clássica, porém, a tourada de Arles não termina de maneira trágica: o touro não deve ser machucado, tampouco morrer. Não é uma batalha, mas um jogo. Essa modalidade é mais conhecida como *Course Camarguaise*. Os touros correm em torno da arena, enquanto os toureiros – ou qualquer um que deseje – deve tentar puxar fitas ou apenas tocar os chifres dos touros – normalmente, seis por evento pelo menos. Algumas vezes, os atos terminam com a execução de uma música da ópera Carmen, de Bizet. Segundo o documentário *Arles - About Bullfighting in Provence*, os touros que participam do folguedo morrem de velhos, não na arena. A cidade possui, ainda uma escola para toureiros.

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: < <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/747251-codigos-e-simbolos-cercam-o-universo-das-touradas.shtml> > Acesso em 17 jul.2019.





Figura 1 - Course Carmarguaise em Arles



Fonte: <https://www.arlestourisme.com/en/the-camargue-races.html>, 2019.

Isso não quer dizer, porém, que não haja casos em que os touros se machucam ou que a modalidade espanhola tenha sido abolida por completo da vida de Arles. Ainda há na região lutas mais próximas da imagem que popularmente construímos das touradas, inclusive culminando com a morte do touro. E é possivelmente daí que partem as referências às touradas na obra de Christian Lacroix.

Segundo Maigne (2010), em reportagem sobre a influência das touradas no trabalho de Lacroix, “quando você cresce perto das arenas de Arles, você não precisa de Zorro ou Batman para voar” (tradução nossa). Os heróis são os toureiros. Sua presença é marcante na memória da região e do estilista. Ainda segundo Maigne (2010):

Christian Lacroix, o estilista, nunca sonhou em ser toureiro, mas o filho de Arles se atraiu muito cedo por esses heróis resplandcentes, esses sobreviventes de combates vindos da antiguidade. E este traje de ouro e cetim permaneceu um marco, uma fonte de inspiração e reconhecimento. Lacroix, o homem do sul exilado em Paris, encontrou instintivamente os arabescos costurados com ouro, os bordados emprestados das virgens andaluzas, os motivos em ramos de flores ou os ornamentos orientais das roupas vistas continuamente nas arenas de Arles. (MAIGNE, 2010)



Um dos trajes de toureiro criados por Lacroix dialoga justamente com essa questão da memória. Em 2017, Lacroix criou o traje do toureiro Juan Bautista para a última luta de sua carreira, em Nimes, cidade do sul da França, próxima a Arles. Segundo Lacroix:

Juan Bautista me pediu para desenhar seu traje para esse dia tão importante. Eu vi Juan nascer, porque eu era vizinho de sua mãe. O vi crescer e tenho acompanhado com muita emoção sua evolução nas touradas até chegar ao lugar que ocupa hoje em dia. Como ser humano, é fantástico, foi o responsável pelo meu retorno a Arles. Desde que minha mãe morrera, não havia pisado em suas ruas. A cidade deixara de falar comigo. Desde 1999 até 2005 estive longe de Arles. (LACROIX, 2017, s/p)<sup>4</sup>

Figura 2 - Juan Bautista com o traje criado por Christian Lacroix (2017).



Fonte: <https://www.cultoro.es/festejos/2017/6/4/juan-bautista-cumple-con-la-historia-en-su-encerrona-24034.html>, 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://www.aplausos.es/noticia/39278/nimes-pentecostes-2017/el-vestido-refleja-la-personalidad-de-juan-bautista.html> > Acesso em 20 jul.2019.



Christian Lacroix nunca exigiu para si o título de “criador de trajes de tourada”. Mesmo assim, ele criou quatro trajes de tourada: para Paquito Leal (1987) e Chamaco (1992), criando trajes para a cerimônia de *alternativa* – uma espécie de rito de passagem, em que o toureiro se torna reconhecido como profissional; para Javier Conde (2010) um traje *goyesco* – traje que realiza uma espécie de recriação histórica de trajes de tourada passados; e para Juan Bautista (2017), um traje para sua última performance como toureiro.

Lacroix (2009, p.147), entende o traje de toureiro como uma união entre a couraça (a armadura) e a roupa de corte. São trajes que permeiam sua memória. O estilista vivendo em Paris, longe de suas origens, relembra de momentos de sua infância e reelabora memórias em forma de trajes.

As referências aos folguedos e às festas populares da região da Provence são bastante comuns na obra de Lacroix. O estilista frequentemente reinterpreta elementos das vestimentas de sua terra natal. Tradicionais trajes de corte de Arles costumam aparecer em sua produção na forma de estampas e modelagens que fazem referência a trajes históricos. Até os dias de hoje, ainda ocorre a escolha da Rainha de Arles, evento que elege a representante da Provence. A candidata deve não só ser conhecedora da história, cultura e artes da região, como também se apresentar com um traje típico da região.

Tendo em vista que as touradas são, de igual maneira, eventos populares tradicionais de Arles, não poderiam deixar de influenciar também a produção de Lacroix. Enquanto estilista, Lacroix se dedicou com maior profundidade à moda voltada para o público feminino. Assim, o traje de tourada, tradicionalmente ligado aos homens, precisou ser reelaborado enquanto traje feminino. A figura heroica masculina é reimaginada numa mistura de gêneros. Na Figura 3 vê-se uma combinação do vestido com saia balonê, característico de Lacroix estilista, e uma casaca bordada preta, evidentemente inspirada nos trajes espanhóis.

A alta costura dialoga com o artesanato de luxo. Mais do que uma peça para ser usada cotidianamente e uma fonte de lucro para a marca, a alta costura é sobre mostrar ao mundo os ideias e valores da marca e demonstrar o virtuosismo técnico dos profissionais envolvidos. É uma moda exclusiva, feita à mão e com materiais de altíssima qualidade.



A alta costura não é realizada com uma equipe pequena. Sob a liderança de um estilista, trabalham muitas pessoas, atentando a cada detalhe do traje, construindo-o parte a parte. São chamados *petit mains* (pequenas mãos) os profissionais que trabalham nas oficinas produzindo bordados e aplicações para trajes de alta costura. Nessas oficinas, nascem os detalhes artesanais que comporão o traje final. O *fornisseur* mais tradicional de bordados é a Maison Lesage, que desde 1924 trabalha com bordados para alta-costura.

Figura 3 –Traje do desfile de Christian Lacroix Outono/Inverno 87/88 de Alta Costura.



Fonte: [www.theguardian.com/fashion/2017/oct/18/christian-lacroix-profile-1987](http://www.theguardian.com/fashion/2017/oct/18/christian-lacroix-profile-1987), 2017.

Foi justamente a Maison Lesage que ficou responsável pelos bordados do traje criado para o toureiro Chamaco por Lacroix. Em 1992, Chamaco, filho de um toureiro famoso com o mesmo nome, e que até então atuava como *novillero* – categoria de toureiros que duela apenas com novilhos, ou seja, jovens touros – faz sua estreia como toureiro profissional.



Lacroix, que atuava como estilista em sua própria marca desde 1987, estava no auge de sua carreira na moda. Possivelmente essa proximidade com o mercado da moda e da alta costura colaborou com a escolha da Maison Lesage. Além disso, há uma noção de ancestralidade e no trabalho artesanal desses bordados. Esse é um trabalho que ainda conserva muito do seu caráter familiar: a maioria das oficinas se formaram a partir do trabalho de famílias.

Figura 4 - Croqui do traje de Chamaco, criado por Christian Lacroix, com indicações de como realizar os bordados.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Considerado uma das mentes mais criativas de seu tempo, ele atuou como estilista em marca homônima até 2009, quando passou a se dedicar de maneira exclusiva aos trajes de cena, tanto como criador quanto como presidente do conselho do *Centre national du costume de scène* (Centro nacional do traje de cena), em Moulin, França. Curiosamente, um ano após deixar de se dedicar à moda, em 2010, Lacroix cria o traje de Javier Conde



Figura 5 - Javier Conde com o traje criado por Christian Lacroix (2010)



Fonte: <http://modataurinayglamour.blogspot.com/2016/01/la-alta-costura-tambien-es-aurina.html>, 2019.

Esse traje foi criado inspirado na obra de Pablo Picasso (1881 - 1973). Picasso também era admirador confesso das touradas. Sua paixão pela tauromaquia era tão grande que em Málaga, sua cidade natal, instituiu-se uma celebração em sua homenagem. Foi justamente para a *Corrida Picasiana* que Lacroix criou esse traje de Javier Conde.

Como o homenageado era o pintor Picasso, Lacroix optou por criar um traje pintado à mão. Para isso, ele contou com o trabalho artesanal primoroso de Santos Garcia, o alfaiate responsável pela Santos Santería de Toreros. A oficina é muito conhecida por criar trajes de tourada, mas também por colaborar com estilistas na criação de trajes. Segundo Garcia (2010), é comum que os estilistas criem o traje, mas que a *santería* execute. Os estilistas contam com o conhecimento ancestral dos alfaiates para transformar suas criações em realidade. Assim, alia-se a inovação de ideias do estilista, com a tradição e artesanania dos alfaiates.



### Considerações finais

Ao que tudo indica, há principalmente duas circunstâncias que levam um estilista a criar trajes de cena: uma proximidade com o tema dos espetáculos ou com a visualidade do encenador; e uma relação pessoal com o encenador ou ator.

Ainda que o traje de tourada não seja exatamente um traje de cena, essas mesmas circunstâncias parecem se aplicar nessa relação. O que está em jogo aqui não é necessariamente a classificação do traje, mas o movimento do estilista, saindo da indústria da moda e partindo para outros campos.

Possivelmente, Lacroix transite em ambas as circunstâncias em suas criações de trajes de tourada. Elas representam tanto uma ligação afetiva com as touradas, ligadas à sua cidade de origem, quanto uma relação pessoal com os toureiros; alguns, como Juan Bautista, que ele viu crescer.

Para que se compreenda bem o que significa um estilista produzir um traje como esse, é preciso que se lembre que o toureiro é uma celebridade. Na nossa realidade, distantes dessa prática, por vezes não temos a dimensão do que ela significa e o que movimenta. Mas os toureiros são pessoas famosas e reconhecidas, e seu trabalho movimenta toda uma indústria. Segundo Shubert (1999):

Há numerosas comparações disponíveis em outras formas de entretenimento em que um grande número de pessoas pagam dinheiro para entrar em prédios especiais e assistir a performances de profissionais muito bem pagos, que são objeto de grande adulação popular. Isso é, as touradas são uma forma de entretenimento de massa comercializável, uma indústria cultural. (SHUBERT, 1999, p.14)

Por que motivo uma prática tão largamente criticada se manteria viva mesmo após tantos anos? Parece que o que torna as touradas ainda frequentes não tem a ver apenas com seu caráter de patrimônio cultural, mas também com o mercado que elas movimentam. Mesmo diante das mudanças de postura de muitas pessoas em relação às touradas, já não mais aceitando a prática, o evento ainda aparenta estar longe de acabar.



## Referências

ARLES – About Bullfighting in Provence (travel documentary in HD). Arles: wocomo TRAVEL, 2015 (11m56s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3X4-jThSTho>> Acesso em 20 jul. 2019.

CATÁLOGO **Arte de luces – Influencias artísticas en los vestidos de torear**. Madri: Museo del Traje, 2010.

CATÁLOGO **Christian Lacroix, trajes de cena**. São Paulo: MAB, 2009.

DHAMIJA, Jasleen. Asian Embroidery. Nova Dheli: Abhinav Publications. Edição do Kindle, 2004.

FÉRAL, Josette. **Além dos Limites: teoria e prática do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MAIGNE, Jacques. **Lacroix, voleur de lumières**. Disponível em: <[https://next.liberation.fr/culture/2010/05/22/lacroix-voleur-de-lumieres\\_653624](https://next.liberation.fr/culture/2010/05/22/lacroix-voleur-de-lumieres_653624)> Acesso em 20 jul. 2019.

SHUBERT, Adrian. **Death and money in the afternoon: a history of the Spanish bullfight**. Nova York: Oxford University Press, 1999.

VIANA, Fausto e BASSI, Carolina. **Traje de Cena, Traje de Folgado**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

